

A CARTA, O ABISMO, O BEIJO

Fernando Augusto retira das gavetas as cartas recebidas em mais de vinte anos: histórias encerradas, amizades partidas, amores passados, relações rompidas, caos terminados, todos marcados pelo tempo, o velho Chronos, devorador de vínculos. Alguns datados, explicitamente com carimbos postais, outros, veladamente, pelas rugas do papel e pelas dobras amarelecidas dos anos. O artista abre os envelopes, expõe sua face externa, faz incisões como se quisesse escavar o passado, desenha sobre eles falos eretos, pares de amantes, caixas fechadas, rabiscos e anotações de uma ponta de pincel, de um bico de pena ou de uma ponta de um outro instrumento qualquer. São desenhos precários, rudimentares, que demonstram mais as lacunas da memória que seus registros. Sobre as cartas abertas são aplicados pigmentos minerais dissolvidos em água, de cor de terra, como que a querer encobrir e descobrir, enterrar e desenterrar os vínculos perdidos e soterrados pelo tempo e pela distância. Uma carta, como toda mídia é a expressão de um paradoxo. Reúne a proximidade, a intimidade, com a distância e estranheza. E cartas de amor são o registro de uma dilaceração, o retrato do abismo e do desespero da separação. As cartas de Fernando Augusto, tingidas de vermelho, têm um teor de dramaticidade ainda mais intenso. Porque o vermelho-terra lembra os primeiro pigmentos usados pelo homem na arte rupestre. E tal pigmento, não é difícil entender o porquê, estava associado a figura ou símbolos femininos. O sangue, a menstruação são o substrato biológico para esse símbolo universal da cultura.

Mas, ao mesmo tempo, uma carta lembra a alegria do (re)encontro, traz a letra da outra parte, os rastros de suas mãos, esconde sua saliva sob o selo e no fecho do envelope. Uma carta traz a voz do outro lado, alimentando e acalentando. Voz escrita, lábios e língua, saliva e tinta. Uma carta é sempre um beijo. Fechada, abriga surpresas como todo o beijo, aberta, alimenta o sonho, recordando amamentação primordial, o primeiro vínculo da vida.

Norval Baitello Júnior, São Paulo, 2000

Diretor do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia e
Diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo.